DISCURSO HONORIS CAUSA NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Antonio Campos

Senhor Reitor

Sras e Sres

Conta o historiador do império português Charles Ralph Boxer que o facto possivelmente mais relevante e promissor da época de Dom Enrique o Navegante foi quando em 1434 o seu escudeiro Gil Eanes consegue por primeira vez chegar mais ao sul do cabo Bojador. A violência das ondas no seu lado norte, a frequência das brumas e neblinas ao seu redor, a dificuldade de regressar para o norte por causa dos ventos predominantes fizeram do cabo Bojador o limite do mundo conhecido. Quando Gil Eanes dobra o cabo Bojador começa a era dos grandes descobrimentos.

Nos nossos dias não são as naus; são as universidades as que saem a navegar e a explorar esses novos mundos com os que o futuro nos desafia de modo permanente. Mas, da mesma forma que ocorria com os barcos a princípios do

sécullo XV, algumas universidades se atrevem, e outras não, a cruzarem os novos cabos Bojadores que vão aparecendo no horizonte. A universidade de Aveiro, comandada pelo seu Reitor, o professor Manuel Antonio Assunção, a modo de Gil Eanes, atreveu-se a cruzar o cabo Bojador e é hoje, sem dúvida, uma das Universidades portuguesas com mais projeção de futuro na nova era dos descobrimentos.

Ao ser hoje investido como Doutor Honoris causa pela Universidade de Aveiro, graças à generosidade do seu Reitor, e do seu conselho científico, recebo, portanto, um imenso honor e um imenso presente: o de poder, com toda humildade, incorporar-me à tripulação de uma universidade de vanguarda, de uma universidade que se atreve, contra os ventos, contra a violência das ondas e contra as brumas, a lutar por explorar e conquistar os novos horizontes do nosso tempo.

Duas pessoas contribuíram, ademais, muito especialmente a que esta nomeação seja uma realidade, o Prof. Juan Viñas

e o Prof. Antonio Rendas, o meu padrinho neste emotivo ato. Há muitos anos ambos me distinguiram com uma amizade desinteressada e generosa que foi para mim um autêntico presente dos deuses, nem sempre dadivosos. O meu caro amigo Antonio Rendas, um dos homens mais intuitivos e inteligentes que conheci, teve ademais a generosidade de pronunciar a laudatio desenhando a minha vida pessoal, científica e de gestão com os lápiz da compreensão e do afeto. Miguel Torga no seu diário escreveu que as velhas amizades têm que ser alimentadas com razões novas e não fazer arqueologia dos sentimentos. Com o teu apoio e o teu generoso discurso, caro Antonio, continuaste uma vez mais alimentando a nossa velha amizade e fortaleceste-a, ainda mais, para o futuro.

Há alguns anos escrevi que a gratidão exige três coisas: apreciar e entender o bem recebido, reconhecê-lo periodicamente e fazê-lo sempre desde a independência e do desinteresse. Sr. Reitor, Autoridades, Sres professores, queridos amigos da Universidade de Aveiro quero afirmar

aqui, de forma pública e solene, que aprecio o imenso valor da nomeação que recebi, que vou reconhecê-lo constantemente até o final dos meus dias e que o faço, ademais, desde a independência mais absoluta e sem buscar nisso o mais mínimo interesse pessoal.

Porque recebi o doutorado honoris causa? Na resolução do reitorado afirma-se que pela contribuição realizada com a minha atividade científica, acadêmica e de gestão ao âmbito da medicina. Não vou expor aqui os detalhes pormenorizados de dita contribuição, mas sim quero sumariamente enumerar, por um lado os princípios que impulsaram o labor levado a cabo e, por outro, alguns aspetos básicos da contribuição realizada. Uma contribuição que foi possível pela criativa e construtiva colaboração de um grupo importante de pessoas que acompanharam a minha trajetória em diferentes momentos da minha vida.

Alguns deles estão aquí presentes e quero agradecer muito a sua presença neste ato.

Os princípios impulsores foram basicamente três:

Primeiro, a vontade de tentar estar sempre “à altura do meu tempo”, como propunhao pensador espanhol ,residente muitos anos em Portugal, José Ortega y Gasset.

Segundo, a certeza de que “crer é criar” como escreveu também oescritor espanhol, grande amante de Portugal, Miguel de Unamuno.

E terceiro, a ideia de que, “a vida tem o sentido que nós queiramos lhe dar; a nossa ilusão, o nosso entusiasmo ou a nossa covardia”, como escreveu também no seu diário Miguel Torga

É desde estes três princípios; é com estas coordenadas, com as que tentei, navegar e tratar de cruzar, com maior ou menor êxito, os cabos Bojadores que encontrei nas minhas diferentes singraduras.

O meu labor como histologista médico, estudioso dos tecidos corporais, começou, como não podia ser de outra maneira, tratando de aprofundar no conhecimento da estrutura microscópica do nosso corpo. O objetivo não era outro que contribuir a melhorar o diagnóstico histopatológico das enfermidades.

Porém, algo novo ocorreu na medicina nestes últimos trinta anos: aparece, surge, uma nova forma de curar. Uma nova forma de curar que há que adicionar às quatro formas tradicionais com as que a medicina tinha vindo curando desde o princípio dos tempos. Desde a mais remota antiguidade curou-se, de facto, com a física,(o frio, o calor , as radiações), com a química (as plantas medicinais, os fármacos), com a cirurgia (desde a navalha ao robô Da Vinci) e, lógicamente, curou-se com a voz e com a palavra. Porém, e há apenas trinta anos surgiu, como antes indicava, uma nova forma de curar, uma quinta forma de curar, na historia da humanidade. Nos nossos dias, já sabemos de facto que os genes, as células e os tecidos artificiais também curam.

É a esta nova quinta forma de curar a que hoje globalmente se denomina terapias avançadas

Pois bem, a esta tarefa a atrever-se a construir novos tecidos, tecidos artificiais para curar, é ao que dedicou o nosso grupo os seus esforços com o objetivo de obter medicamentos teciduais eficazes para tratar algumas patologias até agora irresolúveis. O paradigma da histologia, ciência a que me dedico, mudou: de fazer uma histologia descritiva e funcional para diagnosticar, passou-se a fazer uma histologia construtiva para curar

Neste sentido o nosso grupo gerou no laboratório modelos pioneiros de córneas, pele, mucosa oral ou nervos artificiais, utilizando biomateriais de desenho novo e diferentes tipos de células estaminais que, no caso da córnea a da pele, já se encontram em ensaio clínico e por tanto foram aplicadas, até agora com êxito, a seres humanos.

A engenharia tecidual, que é a rama das terapias avançadas, a qual dedica os seus esforços o nosso grupo é

hoje, sem dúvida alguma, uma área emergente da nova medicina, e construir novos tecidos requer investigar na natureza das células a serem utilizadas, na natureza en as propriedades dos biomateriais que se necessitam, nos processos de fabricação, nos exaustivos controlos de qualidade e nos mecanismos a serem desenvolvidos para a sua translação clínica. E o desafio amplia-se se queremos coordenar estes novos tecidos artificiais com os dispositivos robóticos e de informação que a tecnologia atual começou a desenvolver. Ao velho conceito de corpo Cyborg, corpo formado pela associação do nosso corpo biológico e de prótese, máquinas ou instrumentos diversos, une-se agora a possibilidade de associar, ademais, tecidos artificiais e por tanto de gerar corpos Cyborgs mais complexos. O ser humano deixará de ser somente o produto da nossa herança genética para se converter numa espécie mais lamarkiana, fruto do nosso próprio desenvolvimento tecnológico. E esse é o corpo que vem e essa é uma parte importante da medicina à que, inexoravelmente, vamos

orientados. Eis aí, perante nós, um novo cabo Bojador que há que se atrever a cruzar.

O meu admirado Miguel Torga escreveu no seu diário que ser médico é acompanhar ao ser humano pela vereda da angústia e ser depositário e possibilitador das suas esperanças. A investigação médica é, para mim, o mais poderoso instrumento que faz possível essa esperança e formar médicos com esta mentalidade é uma das mais altas responsabilidades que tem um profesor numa faculdade de medicina.

Ocupar-se portanto, ademais de investigar e ensinar, de promover e de gerir a investigação e a docência, constitui, na minha opinião, uma importante responsabilidade que ninguém vinculado diretamente ou indiretamente com a medicina deve eludir se chega o caso

Durante uma série de anos tenho compatibilizado com certa dificuldade a minha atividade docente e investigadora com

a gestão vinculada a ditas matérias. Na minha atividade como gestor de docência e investigação tenho tratado de equilibrar dois princípios em aparência contraditórios: não fazer o mesmo de sempre sóporque sempre se fez assim e não mudar nunca aquilo que funciona.

Frente ao modelo de investigação basicamente individual que havia imperado até a segunda metade do século XX, na investigação em saúde começa a abrir-se pouco a pouco a necessidade de colaborar mais estreitamente entre disciplinas diversas; sobretudo se queremos obter resultados que transcendam às próprias disciplinas e sobre tudo se queremos abordar a solução de problemas complexos, que é, por outra parte, o que demandam logicamente os governos que buscam respostas às necessidades de um país.

Neste caso somente relatarei, e muito esquematicamente, como foram impulsados e implementados dois projetos de gestão para a investigação na área da saúde, aos que aludiu

o Prof. Rendas, quando durante quatro anos desempenhei a direção do Instituto nacional de saúde Carlos III. Refiro-me ao projeto de redes gerais de investigação cooperativa e ao de redes locais, que denominamos Institutos de Investigação biomédica, que foram muito favoravelmente valorizados pela revista Nature e pela revista Lancet.

As redes de investigação cooperativa na saúde, que foi o primeiro modelo que impulsamos, permitiram agrupar investigadores e grupos de investigação de qualquer parte do país e de qualquer universidade, hospital, centro de investigação, etc., que pudessem fornecer investigação básica, clínica, epidemiológica ou terapêutica, sobre um problema de saúde determinado. O importante era a aproximação cooperativa para a resolução de um problema, com independência da geografia, do tipo de instituição ou da especialidade do profissional ou investigador. O importante era somar e se fosse possível, multiplicar.

As redes locais ou Institutos de investigação biomédica, o segundo modelo que desenvolvemos, agruparam em rede investigadores e grupos, básicos, clínicos, de atenção especializada ou primária que trabalhavam de forma isolada em hospitais e universidades de uma mesma localidade e que até então o faziam muito distanciados uns dos outros. O objetivo era aproximar cooperativamente aos que estão perto, por vezes o mais difícil, com independência das instituições, dos serviços ou da especialidade de cada participante.

A participação dos profissionais e dos investigadores, aos que une um determinado problema de saúde, é voluntária ao ser feita através de convocatória pública conjunta. As prioridades da saúde sobre as que investigar, estabelecem-nas as autoridades sanitárias e a seleçãodas redes é levada a cabo por um comité científico internacional.

A adequada combinação entre interesse científico e interesse social constitui, sem dúvida o desafio mais

importante ao que têm que servir os novos modelos de educação e investigação em saúde; estes e todos aqueles que possam se desenvolver no futuro. Um desafio, um novo cabo Bojador, que para a investigação na área da saúde há que se atrever a cruzar no século XXI.

Dizia eu, no começo deste meu discurso, que a Universidade de Aveiro se havia atrevido a cruzar o cabo Bojador nesta nova era dos descobrimentos. É, por isso, uma grande satisfação poder dizer aqui que a universidade de Aveiro está, segundo o meu julgamento, nas melhores condições para afrontar os grandes desafíos no campo da educação e da investigação médica aos que já fiz referência neste discurso. Por um lado, o prestígio dos seus investigadores em ciências dos materiais e biomateriais biomiméticos, em engenharia, em telecomunicações, etc., e em tudo o que isso implica, coloca-a num lugar de previlégio para o desenho do novo corpo e, portanto, da nova medicina que

vem; a que vai utilizar essa nova quinta forma de curar à que com anterioridade fiz referência. E, ao mesmo tempo, essa potencialidade vai convertê-la também num nodo importante das redes que se estão começando a configurar a nível europeu e internacional entre hospitais, universidades , etc., para gerar novas terapias avançadas e transferi-las à clínica com as máximas garantias possíveis

Ao terminar este discurso talvez alguém pense que estou a falar de utopias voluntariosas mas irrealizáveis, de versos lançados ao vento. A grande poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, prêmio Camões e doutora honoris causa por esta universidade, -que honra tão grande para mim compartilhar o mesmo título-, escreveu que a poesia sempre foi para ela uma perseguição do real, que um poema para ela foi sempre um circulo traçado ao redor de uma coisa, um circulo onde o pássaro do real fica preso.

Buscar, apostar, compartilhar sonhos para estar à altura do nosso tempo, para criar crendo no que fazemos e para fazê-

lo com entusiasmo, e não com covardia, é também traçar um círculo ao redor do real, é estar em condições de capturar o real e fazê-lo possível nas nossas vidas

E por isso, para terminar não me ocorre melhores desejos para cada um dos nossos homens e mulheres da universidade de Aveiro, não me ocorre melhores desejos para esta, desde hoje também minha universidade, que esta nova nau descobridora do seculo XXI desenhe o seu circulo de sonhos e torneo-os realidade muito en breve, no seu mais imadiato futuro.

Muito obrigado, muito obrigado pelo vosso afeto e pela vossa generosidade